

gue, basicamente, entre movimentos oriundos do choque cultural e movimentos que resultam de uma dinâmica social interna dos respectivos grupos. Esta colocação do problema, já por nós formulada em artigo de 1958 (*Archives de Sociologie des Religions*), sobretudo com referência aos movimentos brasileiros, é a primeira com base sociológica que se tem aventado. Embora útil, é ainda muito geral; será necessário chegar a uma tipologia mais precisa.

Entre os movimentos oriundos de uma dinâmica interna da sociedade, apresenta Lanternari, além dos que agitaram tribos indígenas brasileiras, os três grandes surtos caboclos, liderados no nordeste por Antônio Conselheiro e pelo Padre Cícero, e no sul pelos Monges, na região contestada entre Santa Catarina e o Paraná. Realmente, pertencem eles tipicamente à categoria dos que foram produzidos por uma dinâmica social interna. Como, porém, não se trata de povos primitivos em contacto com a civilização ocidental, e sim de populações rurais com certos caracteres específicos, são exemplos um tanto deslocados numa obra cujo tema é o desejo de libertação dos povos nativos da opressão estrangeira. Estão mais aparentados com os movimentos camponeses da Europa, que o Autor, coerente com o interesse de seu estudo, deixa inteiramente de lado. Movimentos semelhantes aos nossos houve-os na Itália em fins do século dezenove, um deles liderado por David Lazzaretti; escapam, porém, ao campo abordado pelo Autor, tal como se dá com os movimentos que ele chama de "neobrasileiros". Por outro lado, enquadram-se bem no conjunto os surtos indígenas e aquêles em que há sincretismo entre alguma religião aborígene e o cristianismo.

A obra de Lanternari é, não obstante, valiosa contribuição para a antropologia, como para a sociologia; para a primeira, porque aborda aspectos da aculturação, e para a segunda, porque trata de um problema de dinâmica social ligado à sociologia religiosa que até agora tem sido descuidado ou mal interpretado. Ademais, o quadro de referências nêle estabelecido abre caminho para novas possibilidades de sistematização.

*Maria Isaura Pereira de Queiroz*

ERNESTO DE MARTINO: *Morte e Pianto Rituale nel Mondo Antico. Dal lamento pagano al pianto di Maria*. X + 438 págs., com 67 ilustrações. Edizioni Scientifiche Einaudi. Turim, 1958.

Cabe ao Prof. de Martino o indiscutível mérito de se ter dedicado durante anos à aplicação, de modo original, do método historicista à interpretação da mentalidade dos povos primitivos. Já em 1941, com *Naturalismo e Storicismo nell'Etnologia*, Bari, realizara, por êste ângulo, uma revisão crítica precisa, da escola antropológica inglesa à escola sociológica francesa; através da posição histórico-cultural, punha à luz as fragilidades especulativas, o excessivo intelectualismo e as deficiências particulares aos métodos de ambas. Terminava o trabalho uma interessante e brilhante crítica do funcionalismo em seus vários aspectos, definido pelo autor como expressão manifesta e não a superação da crise que lavra na etnologia contemporânea, crise que, evidentemente, é devida mais ao hibridismo dos métodos e a um materialismo mais ou menos latente do que a uma insuficiência metodológica intrínseca. "Tarefa da etnologia", concluía, "é percorrer novamente ao revés aquela linfa que nos alimenta e que provém de raízes longínquas, com a finalidade, porém, de colher os pontos que desviam a corrente para direção diversa daquela de que procedemos. São êstes os pontos em que entre as infinitas possibilidades de vida e de desenvolvimento, o curso do devir se diferenciou ulteriormente. Agora a delimitação dessas alternativas de que so-

mos provenientes determina melhor o que somos, aqui e agora". Se nos estendemos sôbre o primeiro trabalho de E. de Martino, é porque êle não só assinala a retomada e a renovação dos estudos etnológicos na Itália, mas representa igualmente uma posição programática à qual o autor permanecerá fiel. De fato, daí a sete anos, com *Il mondo magico (Prolegomeni ad una storia del marxismo)*, Turim, 1948, tentava interpretar històricamente a magia como contribuição válida para a formação do neo-humanismo moderno. Não só, mas na intenção devia também submeter à análise o modo ocidental de aproximar-se dela. Em outras palavras, quis principalmente caracterizar o problema em tórno do qual a magia se desenvolvera, e a função que, como idade històrica, exercera no quadro geral da civilização humana. Tentativa admirável, e embora susceptível de reservas, extremamente fértil.

Chega-nos às mãos o último trabalho do etnólogo italiano, *Morte e pianto rituale nel mondo antico*. Prosseguindo na linha traçada pelos dois volumes anteriores, de Martino estabelece conexões diretas entre restos arcaicos ainda presentes nos prantos rituais da Lucânia e da Transsilvânia e o lamento fúnebre das antigas religiões euro-mediterrâneas. Ocupa o primeiro plano uma tese ou descoberta já presente em *Il mondo magico*: de que o risco de "não existir mais no mundo" como presença leva à crise desta mesma presença. Noutros têrmos, a partir da análise do horror da morte como risco de "passar com o que passa", sem margem de autonomia formal, e por isso escapar ao mundo dos valores, caindo, pois, fora de qualquer história humana, chega-se a uma opção em prol da vida, na qual a morte se configura como condição para explicar a eterna fôrça regenerativa da cultura.

Através de considerações sôbre as técnicas mítico-rituais das civilizações religiosas do mundo antigo, de Martino põe a descoberto laços intrínsecos entre, de um lado, o pranto pela morte de pessoas històricas e, de outro, o lamento arquétipo pela morte de heróis míticos, sem dúvida ligado intimamente com as "paixões" ou momentos críticos decorrentes dos ciclos sazonais e agrícolas. Na crise da falta de presença e no luto insere-se, pois, nas antigas civilizações mediterrâneas, a instituição do lamento fúnebre ritual como uma das fôrças culturais mais importantes para combater essas mesmas crises, antes que o Cristianismo inaugure seu novo *ethos* da vida e da morte.

Esta última publicação de E. de Martino, trabalho de grande alento, que julgamos perfeito do ponto de vista metodológico, nos parece incrementar a problemática historicista, abrindo em profundidade uma visão clara e nova das relações que devem existir entre filosofia, etnologia e história. Cremos, porém, ser necessário assinalar um relativo desequilíbrio no tocante à focalização psicológica, que, embora sendo de vulto, se revela às vêzes um tanto apressada e arbitrária.

Armando Ferrari

ROGER BASTIDE: *Les Religions Africaines au Brésil (Vers une sociologie des inter-pénétrations de civilisations)*. 578 págs. Presses Universitaires de France. Paris, 1960.

Durante todo o período da escravidão, malgrado advertências governamentais e principalmente religiosas, fecharam os senhores os olhos para as manifestações dos cultos nativos negros, que continuaram assim a existir; seu exercício era uma garantia para a paz racial. Candomblé, pajelança, macumba, constituíam válvulas de escape para a energia dos escravos, impedindo-os de se voltar contra a camada dominante, muito inferior em quantidade à camada negra. No entanto, a sobrevivência se dava